

MERCADO DE TRABALHO E EDUCAÇÃO: O QUE ACONTECE HOJE COM O NEOLIBERALISMO

Willian Nascimento de Castro

Graduando em Geografia pelas Faculdades Integradas Campograndenses/ Fundação Educacional Unificada Campograndenses (FIC/FEUC)
wncg@bol.com.br

Resumo

O presente artigo tem como objetivo pesquisar e traçar um paralelo entre os conteúdos trabalhados em sala de aula e o que é exigido no mercado de trabalho, para através desses estudos desenvolver formas de se abordar em sala de aula com alunos do Ensino Médio o tema “ Mercado de Trabalho e Educação”. Tendo como norteador o livro de Aparecida de Fátima Tiradentes dos Santos, Intitulado “Pedagogia do Mercado, Neoliberalismo. Trabalho e Educação no século XXI”. A autora, tem como base de estudo e norteador de seu livro o autor italiano Antônio Gramsci, e a partir daí, desenvolve de forma minuciosa o tema proposto. Seu livro aborda vários apontamentos que envolvem o Mercado de Trabalho e a Educação e da formação dos jovens que irão muito em breve fazer parte da massa trabalhadora. Qual é a principal importância da educação no processo de formação do Jovem para o Mercado de Trabalho ? Como são formados os futuros profissionais de nosso país? Existem diferenças entre a formação acadêmica de acordo com as classes sociais? A reforma do Ensino Médio é mesmo necessária? Através destas perguntas e de outras é que a autora tenta responder de forma pedagógica, traçando uma linha analógica de temas que integram a atual condução da formação, manutenção, e desenvolvimento do mercado de trabalho adotada pelos governantes e suas políticas educacionais no Brasil.

Palavras chaves: Mercado de trabalho, formação acadêmica, Hegemonia, Políticas públicas, diferenças de classe.

Abstract

This article aims to research and draw a parallel between the contents worked in the classroom and what is required in the labor market, through these studies to develop ways to approach in the classroom with students of High School the theme " Labor Market and Education ". Having as guide the book of Aparecida de Fatima Tiradentes dos Santos, entitled "Pedagogy of the Market, Neoliberalism. Work and Education in the 21st Century. " The author, based on the study and guiding the book by the Italian author Antonio Gramsci, and from there, develops in a detailed way the proposed theme. His book addresses several notes that involve the Labor Market and Education and the training of young people who will soon be part of the working mass. What is the main importance of education in the process of training Youth for the Labor Market? How are the future professionals of our country formed? Are there differences between academic training according to social classes? Is Reforming High School

Really Necessary? Through these questions and others, the author tries to answer in a pedagogical way, drawing an analogical line of themes that integrate the current conduction of the training, maintenance, and development of the labor market adopted by the rulers and their educational policies in Brazil.

Keywords: Labor market, academic training, Hegemony, Public policies, class differences.

Introdução

O presente artigo tem como objetivo discutir a importância da Educação junto ao mercado de trabalho, sendo usado como base de estudos o livro “ Pedagogia do Mercado neoliberalismo. Trabalho e educação no século XXI” de Aparecida de Fátima Tiradentes dos Santos.

Em seu capítulo III a autora inicia contextualizando o que é educação, baseada no autor italiano Antônio Gramsci (1891-1937) que nunca publicou um livro em sua vida mas, devido à sua militância desde jovem deixou um legado de vários artigos em periódicos de partidos políticos e na imprensa, além de vários manuscritos que foram produzidos durante o período em que esteve preso.

Os ideais de Gramsci estão baseados e inspirados nos pensamentos de Marx, os adequando às especificidades das sociedades europeias de capitalismo da primeira metade do século XX.

Além da parte teórica desenvolvida neste artigo nos depararemos com uma parte prática. Tendo como objetivo exemplificar algumas formas de trabalho que podemos utilizar para desenvolvermos em sala de aula o tema abordado “Mercado de Trabalho e Educação ”.

1 Para entender melhor a Educação na Escola a partir de Gramsci

O ponto de partida do estudo é a história de Gramsci desde sua origem nos campos da Itália, depois com sua experiência como operário, passando por 11 anos de cárcere. O choque cultural entre essas realidades foi inevitável, o que o levou a valorizar a cultura escolar e a defendê-la.

Desde jovem Gramsci refletia sobre o direito à educação e à negação do direito de estudar dos filhos de trabalhadores e camponeses. Quando começa sua vida operária logo se vê envolvido em movimentos sindicais e políticos e de luta contra o capitalismo. Sendo partidário

ao Socialismo torna-se porta-voz da defesa de uma escola de formação geral como condição para a luta hegemônica.

Quando se reporta à dualidade escolar, a crítica duramente pois, este tipo de formação é caracterizado como técnico-instrumental para os trabalhadores e cultural geral para a burguesia.

Por várias vezes Gramsci denuncia a desumanização de uma escola profissional sem uma formação geral e sem fundamento que permitam a crítica social. Sua luta é baseada no filósofo Karl Heinrich Marx (1818-1883) onde pauta sua teoria e práxis de concepção de mundo. Essa concepção será baseada em uma classe popular que irá construir e ter assegurado o direito de justiça, de trabalho e de dignidade. Para Gramsci (1989, p.33.).

“Ao que parece, somente a filosofia da práxis realizou um passo à frente no pensamento sobre a base da filosofia clássica Alemã, evitando qualquer tendência para o solipsismo, historicizando o pensamento na medida em que assume como concepção de mundo, como 'bom senso' difuso na multidão (e esta difusão não seria cabível sem a racionalidade ou a historicidade) e difuso de tal maneira que possa converter-se em norma ativa de conduta.”

Gramsci usaria Marx como base filosófica para elaborar uma nova cultura, uma cultura ampla o próprio Gramsci é um exemplo disso, com diversos interesses culturais, jornalismo, história, linguagem, etc. Mas a cultura para Gramsci teria um papel político na compreensão do mundo. Ele também critica a demagogia que rodeia o senso comum e defende o direito à cultura formal e ao pensamento científico.

Em sua obra, Gramsci define cultura como a orientação para a prática, uma visão de mundo coerente e com fundamentos, que é primordial na formação política, filosófica e científica das classes populares, sendo um condicionador para o exercício da hegemonia, pois, a concepção de poder deveria ser atribuída à coletividade e não a poucos. Para Coutinho (1985, p. 36 e 37.).

“Gramsci está convencido de que para se tornar 'classe dirigente', para triunfar naquela estratégia mais complexa de longo alcance, o proletariado não pode se limitar a controlar a produção econômica, mas deve também exercer sua direção político-cultural sobre o conjunto das forças sociais que, por esta ou por aquela razão, desse ou daquele modo, se opõem ao capitalismo. E, para o poder fazê-lo, a classe operária tem de conhecer o efetivo território nacional sobre o qual atua, tem de conhecer e dominar os mecanismos de reprodução global da formação

econômico-social que pretende transformar.”

A construção de uma nova sociedade, para Gramsci, seria a capacidade de desenvolvimento hegemônico como tarefa fundamental da classe trabalhadora. Outro fundamento seria o de ideologia, embora às vezes usado de modo a ocultar ou dissimular a realidade. Na ideologia de Marx esse idealismo seria a construção e o reconhecimento da classe trabalhadora em uma nova ordem social, que quanto mais consolidada maior será sua capacidade de se tornar em ação, para a organização da vontade coletiva.

Para Gramsci a filosofia e a ideologia tem uma relação estreita, sendo que a ideologia elabora o pensamento filosófico com um rigor lógico, sistemático, coerente, e com conhecimento histórico. Já no senso comum, encontra-se alguns fragmentos da ideologia de classe dominante. O que aparentemente será popular, é, na verdade, resíduo das ideologias existentes e só à medida que as camadas populares tiverem sua concepção de mundo é que será rompida a hegemonia dominante e construída uma nova hegemonia.

Gramsci ainda destaca o folclore e a religião como veículos de propagação ideológica dominante, nos dias atuais podemos atribuir esse trabalho aos veículos de comunicação de massa. Se a hegemonia da classe dominante se baseia no monopólio intelectual, a hegemonia da classe trabalhadora se baseará em uma autonomia intelectual.

Dentro dos conceitos de Gramsci, o de hegemonia seria entendido como a direção política tomada por um determinado bloco, onde o Estado é o representante dos interesses gerais. O Estado seria dividido em : Sociedade Política e Sociedade Civil. A Sociedade Civil defende a luta pela direção política, usando como ponto inicial a ideologia, e esse terreno é permeado de contradições, lutas , disputas.

Os interesses da classe em que predominar um determinado Estado, serão definidos a partir da interação das forças políticas em jogo na sociedade. Estes interesses são muitos e se refletem no território nacional e internacional. Se as classes populares detêm o consenso, a política do Estado é configurada a essa orientação das políticas públicas, o Estado como 'Estado ampliado'. Já à Sociedade Política caberia apenas a manutenção desse status.

A educação serviria como ferramenta possibilitadora de reforma intelectual e moral, que tem uma grande importância na transformação política. Outra perspectiva seria a educação como desalineador do trabalhador. O trabalho seria um princípio educativo, não apenas um formador de mão de obra, pois, se ocorre a divisão social do trabalho quem detiver os meios de produção terá também o domínio intelectual do trabalho, onde quem constitui a força do

trabalho será apenas o dominado, sendo comumente observado no capitalismo e essa forma de trabalho alienado torna o trabalhador um ser incompleto.

Gramsci destaca a importância da construção intelectual da sociedade humana e atribui à alfabetização, à cultura como uma ferramenta que promoverá e valorizará a classe trabalhadora na história do trabalho. Nos alerta ainda, que a educação fornecida às classes populares visaria apenas uma formação rápida de mão de obra qualificada para o Ensino Médio. Nos alerta sobre a educação que é fornecida de forma diferenciada aos filhos das classes dominantes, trazendo para os dias de hoje poderíamos citar aqui a reforma do Ensino Médio que nos mostra que essa dualidade ainda existe.

Não é caracterizada a alienação só pelo simples fato de um trabalhador desenvolver uma atividade técnica, mas o fato dele estar excluído dos processos decisórios a respeito da produção. Para Gramsci a Escola seria unitária, uma unidade dialética entre as atividades intelectuais e manuais, entre a ciência e a técnica, entre a teoria e a prática, entre a decisão e a execução.

Mas a escola tradicional reproduz essa divisão em sua organização, do saber e trabalho: de um lado o ensino clássico (para elite), de outro o ensino profissionalizante (para os demais) diferentemente da escola idealizada por Gramsci, onde o ensino seria realizado em uma unidade teórico-prática, o que seriam as escolas politécnicas. Para Gramsci (1989, p. 49.).

... é necessário definir o conceito de escola unitária, na qual o trabalho e a teoria estão estreitamente ligados; e a aproximação mecânica das duas atividades pode ser um esnobismo (...) criar um tipo de escola que eduque as classes instrumentais e subordinadas para um papel de direção na sociedade como conjunto e não como indivíduos singulares.

As reformas elaboradas desde a década de 1990 ainda detêm um domínio de educação “interessada” e dualista, pois, ainda defendem uma formação geral das classes subalternas , onde eles sejam apenas os operadores da produção. Só a partir da tomada da consciência sobre a própria situação de classe é que conseguiremos ter práticas contra-hegemônicas, superando os elementos conservadores e neoconservadores.

2 Um olhar diferenciado sobre o Trabalho

Gramsci, baseado em alguns manuscritos de Marx, define o homem em sua historicidade, como um ser construído pelo e através do trabalho, mas não um modelo de trabalho alienado. A situação de alienação ocorre quando existe uma divisão social do trabalho, pois, quem tiver o domínio dos meios de produção dominará também o intelecto do trabalho, onde quem executa o trabalho fica apenas com o domínio operacional.

Esse tipo de alienação do trabalho é tratado por muitos autores como desumano, tendo como exemplo Gramsci, que se dedicava a denunciar essas situações de expropriação política, pois ele afirma que “todos os homens são filósofos” ou que “ todos os homens são intelectuais(...) mas nem todos os homens desempenham na sociedade a função de intelectuais”(GRAMSCI, 1989, p.11.).

Gramsci ainda critica o tipo de educação fornecida aos filhos de trabalhadores, nos demonstra a necessidade de construção de uma sociedade humana, onde o domínio real será pautado nas relações sociais, e que incluiriam as relações de produção, e todas essas ações farão parte do projeto humano. Nos diz Gramsci (1989, p.7.)

Não existe atividade humana da qual se possa excluir toda a intervenção intelectual, não se pode separar o homo faber de homo sapiens.

Ficando atribuída a alfabetização, à cultura, o papel de promover a classe trabalhadora o conhecimento e a valorização da história do trabalho, e a elevação do autoconceito coletivo. Tanto Marx quanto Gramsci nos dizem que somente um projeto onde o trabalho tanto na visão técnica, quanto científica e política, fossem valorizados e que esta educação estivesse de fato comprometida com essa abordagem, promovendo uma interposição cultural, colocando em cheque a educação imposta pelas classes dominantes. Deixar a escolha do material didático usado na mão do mercado é deixar com os dominantes o controle sobre os conteúdos.

Fica a pergunta, “se o trabalho pedagógico é controlado por textos escolhidos à revelia do professor, provas que cobram aquilo que o mercado quer ouvir, qual o espaço para a prática contra hegemônica?” (SANTOS, 2012, p. 207-208.).

Toda essa reforma intelectual e moral, segundo Gramsci seria o resultado de qual tipo de aluno a sociedade deseja formar.

3 A Educação, a Escola e o Conhecimento

Desde o começo de sua luta, Gramsci critica fortemente a educação dual onde o tipo de ensino é diferenciado entre os filhos das classes de elite e das classes trabalhadoras. Gramsci vislumbra uma educação onde todos, independentes de classes, tenham um acesso igualitário,

deixando de lado essa forma existente de que para a classe trabalhadora ficaria apenas o direito à força e isso só seria mudado a partir de lutas e uma coesão de exigências.

Outra crítica desferida por Gramsci seria contra a educação privada, pois é obrigação do Estado promover, manter a ação educativa, além de assegurar a distribuição dos materiais necessários. E ainda defende o processo de universalização da educação e esse processo seria um condicionador de democracia e autonomia da sociedade. Para ele, o trabalho é um princípio educativo e de ação pedagógica.

Tornar o trabalho um princípio educativo não seria o mesmo que incluí-lo no currículo escolar pela destinação profissional do aluno, e tornar o trabalho em ponto de partida, pois, não será apenas uma preparação de um profissional, mas a formação de um trabalhador crítico sobre o mundo em que vive.

Mas o processo do domínio científico não significa que a alienação irá parar de ocorrer, somente irá parar se tomarmos o trabalho como princípio educativo, onde teremos que ter uma fundamentação crítica do mundo do trabalho e portanto a formação intelectual fornecerá bases indispensáveis.

Para isso teremos que ter uma escola com uma organização de vontade coletiva, tendo como meta uma sociedade mais justa, uma escola de formação sólida, sem privilégios, sem diferenças, sem dualidade. E quanto essa dualidade educacional existir onde se é investido pouco, com uma formação muita das vezes deficiente, instrumental e superficial por parte das classes menos favorecidas continuaremos a ter uma formação humana incapaz de desenvolver uma consciência filosófica e com algum tipo de crítica. Gramsci nos fala (1978, p. 6.).

O fundamento de toda atividade crítica, portanto, deve se basear na capacidade de descobrir a distinção e as diferenças por baixo de toda superficial e aparente uniformidade, bem como a unidade essencial por baixo de qualquer aparente contraste e diferenciação.

O senso comum é outro ponto abordado por Gramsci, para ele estaria repleto de resíduos difusos, acrílicos, incoerentes, superstições pré-científicas que são a representação do homem da massa. Relembre que um homem de bom senso seria capaz de criticar, discernir, as bases e metas sociais no que resultaria em um ser mais coerente. Nesse sentido ele propõe à escola a superar o senso comum e se apropriar de forma crítica da filosofia e da ciência.

Uma escola democrática seria uma tradução de um sistema universal de qualidade para todas as camadas sociais. Deixando de lado o senso comum e o transformando em elementos críticos e científicos, além de sua renovação. Sobre esse tema Gramsci (1989, p. 147.).

Este flerte de gentileza com o senso comum é algo muito ridículo. Nossas afirmações anteriores não significam a inexistência de verdades no senso comum. Significam que o senso comum é um conceito equívoco, contraditório, multiforme, e que referir-se ao senso comum como prova de verdade é um contrassenso(...) o senso comum é grosseiramente misoneísta e conservador....

Para ele como vimos anteriormente o senso comum não é uma expressão de cultura popular, mas sim, um conjunto de resíduos e fragmentos de uma ideologia de uma classe dominante. E que devemos incorporar ao senso comum o pensamento filosófico, o bom senso, os elementos críticos, fazendo com que ele se renove.

Gramsci defende sempre que as classes trabalhadoras têm direito a acessar às ciências, à filosofia e a cultura.

4 Educadores x Hegemonia

Para Gramsci, intelectuais são aqueles que tenham em suas relações sociais, desempenhem a função de validar, e contribuam com a formação social vigente, desenvolvendo, organizando e difundindo seus respectivos valores, práticas sociais, etc. Também são intelectuais aqueles que lutam contra a hegemonia do pensamento dominante. Sob esse aspecto, Gramsci afirma que existem dois tipos de intelectuais: os orgânicos que buscam o consenso de determinados projetos políticos e os intelectuais Tradicionais que seriam aqueles que não estão vinculados a um projeto para a sociedade, não seriam identificados como políticos ou que sejam formados em ideologia de modelos superados, mas que ainda se constituem como seus representantes.

Para ele o trabalho intelectual que é um conceito bastante amplo é a construção de ideologia, e essa ideologia é muito particular de cada classe social. Desta maneira, cada classe social será capaz de produzir a sua camada de intelectuais, os quais têm a responsabilidade de divulgar nesse conjunto social o consenso à sua consolidação como classe dirigente.

Então caberia à classe trabalhadora produzir seus próprios intelectuais que estariam dedicados a criar uma coesão popular e elaborariam uma ação de transformação social contra-hegemônica.

Coube a escola tradicional da classe dominante a formação desses intelectuais orgânicos. Essa escola dirigida às elites com uma formação intelectual, científica e política que são primordiais para a direção, em outro ponto a escola das classes populares com uma educação

sem aprofundamentos nas áreas intelectuais, científicas e políticas, e com um aprendizado aligeirado e instrumental para o mercado de trabalho.

Para a escola se tornar uma formadora de alunos contra hegemônicos, dependeríamos de uma liberdade pedagógica que faria uma reforma a favor da emancipação das classes populares. Uma proposta pedagógica contra-hegemônica não seria a instituição da supremacia do ideológico sobre o científico no currículo escolar, seria na verdade uma afirmação do direito à formação intelectual, acadêmica, sólida a todos os segmentos sociais.

Seria necessário a construção de uma escola onde fosse agregada a intelectualidade/científica/filosófica, cultura e identidade política, com uma fala cada vez mais distante da escola empírica, um local em que os intelectuais pudessem colocar em prática os anseios de libertação do povo. Caberia aos intelectuais uma elaboração dos sentimentos populares e como esses sentimentos poderiam contribuir com sua teoria e ciência para a elaboração de nova prática. Como relata Gramsci (1989, p. 18.).

... a organicidade de pensamento e a solidez cultural só poderiam ocorrer se entre os intelectuais e os simplórios se verificasse a mesma unidade que deve existir entre teoria e prática, isto é, se os intelectuais fossem, organicamente, os intelectuais daquela massa, se tivessem elaborado e tornado coerentes os princípios e os problemas que aquelas massas colocavam com a sua atividade prática, constituindo assim um bloco cultural e social.

Não será fazendo de conta que não existe uma separação entre os intelectuais e a massa, pois enquanto permanecer essa divisão entre comandantes e comandados, governantes e governados, não poderemos caracterizar um projeto que irá inovar a educação. O objetivo dessa inovação seria a qualificação dos trabalhadores não somente na ordem técnica, mas também de ordem político-cultural.

Mas o capital não quer abrir mão do espaço pedagógico fundamentado em uma inércia reprodutiva, onde resumem seus projetos pedagógicos em uma visão de falsa liberdade e sempre rerepresentando a ação complementar à política dominante. A partir do momento que a educação se torna uma ferramenta de alienação e as pedagogias tradicionais conteudistas aplicadas às classes dominadas pelas classes dominantes são a reprodução de conceitos direcionados, as classes trabalhadoras são preparadas para participarem de forma fragmentada da produção no mercado de trabalho, onde cabe a elas somente a execução de tarefas.

5 A Funcionabilidade da Pedagogia

Um conceito muito abordado por Gramsci é o da escola unitária, onde há unidade educacional entre as atividades intelectuais e manuais, entre a ciência e a técnica, entre a teoria e a prática. Uma escola sem a divisão entre o capital e o trabalho, pois, o capital detém o domínio intelectual do trabalho e os trabalhadores apenas têm o domínio técnico. A escola tradicional tem como característica a divisão entre o ensino clássico (elite) e profissionalizante (para os demais). A escola idealizada por Gramsci mesclaria a técnica do trabalho e a base científica (politecnia), um encontro entre a formação básica e política. Assim nos fala Gramsci (1989, p. 149.)

... é necessário o conceito de escola unitária, na qual o trabalho e a teoria estão estreitamente ligados; a aproximação mecânica das duas atividades pode ser um esnobismo, [que nada contribui para] (...) criar um tipo de escola que eduque as classes instrumentais e subordinadas para um papel de direção na sociedade como conjunto e não como indivíduo os singulares.

A escola unitária seria organizada a partir de duas fases: a primeira com uma duração de três a quatro anos, onde formaria a personalidade do aluno para que ele adquirisse consciência coletiva e disciplina intelectual, e esses conteúdos seriam divididos em dois blocos que dialogariam entre si, noções instrumentais e políticas como nos diz Gramsci (1991, p. 122).

A escola unitária deveria corresponder ao período representado hoje pelas escolas primárias e médias, reorganizadas não somente no que diz respeito ao conteúdo e ao método de ensino, como também no que toca à disposição dos vários graus da carreira escolar. O primeiro grau elementar não deveria ultrapassar três-quatro anos e, ao lado do ensino das primeiras noções “instrumentais” da instrução (ler, escrever, fazer contas, geografia, história), deveria desenvolver notadamente a parte relativa aos “direitos e deveres”, atualmente negligenciada, isto é, as primeiras noções do Estado e da sociedade, como elementos primordiais de uma nova concepção do mundo que entra em luta contra as concepções determinadas pelos diversos ambientes sociais tradicionais, ou seja, contra as concepções que poderíamos chamar de folclóricas. O problema didático a resolver é o de temperar e fecundar a orientação dogmática que não pode deixar de existir nestes primeiros anos.

Na segunda fase essa duração seria de cinco e seis anos onde o aluno teria um contato mais direto com o mundo do trabalho, através de produções literárias e científicas.

As disciplinas da primeira fase seriam responsáveis por desenvolver no aluno o espírito de responsabilidade, autodisciplina. Na segunda fase o objetivo seria o de universalizar o aprendizado. A responsabilidade do educador é evocada por Gramscia todo momento (1990, p.

182.).

... penso que qualquer orientação educacional, mesmo a pior, é sempre melhor que interferências entre dois sistemas contrastantes. (...) Creio ser bom tratar as crianças como seres já racionais e com os quais se fala seriamente mesmo sobre os assuntos mais sérios; isto causa neles uma impressão muito profunda, reforça o caráter, mas especialmente evita que a formação da criança seja deixada ao sabor das impressões do ambiente e à mecânica dos achados fortuitos.

Para ele, o professor não poderia nunca eximir-se de seu papel de formador intelectual dos alunos, e que não poderíamos continuar no modelo tradicional jesuítico, pois, para compreender a pedagogia classista seria necessário o desmembramento de diversos aspectos, analisá-los e reagrupá-los. Segundo Santos (2012, p. 240.).

Desta síntese, dois elementos evidenciaram-se: o caráter intrinsecamente político da educação, que expõe a contradição de um modelo pactua lista da pretensa qualidade técnica acima do caráter transformador, e a urgência de autonomia da definição do projeto político-pedagógico da escola, colocando em debate as questões que hoje são respondidas pelo mercado: que sociedade queremos construir? Que alunos queremos formar? Que projeto de escola é necessário `a formação desse aluno para a construção dessa nova sociedade.

Somente quando tivermos as respostas destes questionamentos levantados por Santos é que a educação poderá ter o seu papel de transformação readquirido.

6 Convergência de Pensamento

Gramsci, em sua linha de estudo baseada em Marx, entendia que a educação deveria ser ao mesmo tempo intelectual, física e técnica. Que seria também uma continuação do trabalho intelectual para um trabalho prático. Para o autor, uma das principais funções da escola seria fazer uma mediação entre a tomada de consciência do aluno e o seu autoconhecimento.

Para ele, a alfabetização seria a substituição do senso comum através da interação dos códigos dominantes, visando assim que o aluno adquirisse criticidade, “A escola unitária ou de formação humanista (entendido este termo, “humanismo”, em sentido amplo e não apenas em sentido tradicional)” conforme nos relata Gramsci (2001, p. 36).

A formação de professores vem sendo debatida em âmbito nacional e internacional.

Tendo alguns desafios a ser vencidos para a melhoria da formação inicial de professores, o distanciamento entre a pesquisa e o ensino, a valorização do bacharelado em detrimento da licenciatura, a desvalorização do magistério, e com maior ênfase, a diferenciação entre a teoria e a prática docente.

Para enfrentar estes desafios, o Programa Institucional de Bolsa a Iniciação à Docência (PIBID) tem sido uma alternativa para o governo federal promover mudanças de cultura na formação de professores no Brasil.

Assim em 2007 foi criado o PIBID, com a finalidade de valorizar o magistério e apoiar estudantes de licenciatura plena das instituições federais, estaduais, municipais, particulares e comunitárias, sem fins econômicos, de educação superior (CAPES/PIBID, 2014).

O PIBID é um programa onde há o incentivo e a valorização do magistério e de estabilização do processo de formação de professor para a educação básica. Nos lembra Gramsci (2001, p. 53)

O modo de ser do novo intelectual não pode mais consistir na eloquência, motor exterior e momentâneo dos afetos e das paixões, mas numa inserção ativa na vida prática, como construtor, organizador, “persuasor permanentemente”, já que não apenas orador puro [...]; da técnica trabalho chega à técnica-ciência e à concepção humanista da história, sem a qual permanece “especialista” e não se torna “dirigente”.

Criado pelo Ministério da Educação e implementado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, o projeto oferece bolsas para que alunos de licenciaturas, exerçam atividades pedagógicas em escolas públicas de educação básica, contribuindo assim com uma maior integração entre teoria e prática, articulando de forma coesa as universidades e as escolas, visando sempre a melhoria de qualidade da educação brasileira.

Para certificar os resultados, os bolsistas são orientados por coordenadores de área, docentes das licenciaturas e por supervisores, professores das escolas públicas onde exercem suas atividades.

Tendo a prática como norteadora do PIBID, durante o segundo semestre de 2016 pudemos junto ao programa ter contato com essa realidade. Fomos informados que desenvolveríamos o projeto durante aquele período no CIEP Raul Ryff localizado no bairro de Paciência, Rio de Janeiro.

Chegando àquela instituição de Ensino fomos muito bem recebidos pela Direção e pelos professores que reconheceríamos como futuros colegas de profissão. Fomos conduzidos até a

sala dos professores e depois para a sala de aula, onde os desafios iriam começar.

Em um primeiro momento os alunos foram resistentes ao contato, não sei se por falta de convivência, ou por falta de experiência de minha parte e com essa realidade fui tomado de uma certa ansiedade e medo, mas, continuei com a minha apresentação e explanação sobre os objetivos e temas a serem abordados.

Em todos os momentos sempre tivemos um professor supervisor junto aos bolsistas, e assim, tendo essa referência pudemos começar a ter a vivência de sala de aula de acordo com os propósitos práticos do Projeto e de Gramsci.

Depois desse primeiro contato, pude perceber a importância do projeto PIBID, que tem como principal objetivo de proporcionar uma prática pedagógica que nós estudantes de Licenciaturas só teríamos depois de formados, já como professores.

A partir daí, depois dessa apresentação passou a ser desenvolvido junto aos alunos um sub-projeto que abordaria o seguinte tema “As minorias sociais”, que englobariam os negros, LGBTs, as Religiões, etc.

Junto à turma com que trabalhei, depois que a proposta foi apresentada por mim aos alunos, eles puderam apresentar algumas temáticas que eles gostariam de trabalhar. Para isso eles expuseram suas ideias, debateram e escolheram “Violência e discriminação contra a População Negra”, que seria o tema que iríamos trabalhar.

No nosso próximo encontro usando como ponto de partida, fiz uma introdução sobre violência aos alunos, ajudado pelo professor regente baseado em dados de um relatório da ONU de 17/03/2016 que abordava com uma forma detalhada e de fácil entendimento a temática que seria desenvolvida. Foi entregue um questionário previamente elaborado para que os alunos reproduzissem e respondessem. Os mesmos foram devolvidos preenchidos e debatidos na aula seguinte. Com base nesses questionários fizemos a escolha de alguns que foram gravados em vídeo e transcritos em cartazes. Toda essa parte de gravação edição e elaboração dos cartazes ficou sob responsabilidade dos alunos que foram a todo momento supervisionados por mim, que também estava sendo orientado pelo professor supervisor.

A culminância do projeto sobre as minorias na escola Raul Ryff ocorreu no dia 17/11/2016 e de acordo com a avaliação avaliada dos professores e da Direção foi um grande sucesso. Os alunos neste dia debateram sobre o tema com alunos de outras turmas sempre direcionados pelos bolsistas que estavam a todo momento sendo supervisionados pelos professores responsáveis.

Sob o meu ponto de vista, foi conseguido fomentar algo de novo nesses alunos que participaram, pois em seus debates, esses alunos que tinham trabalhado o tema minorias tinham

clareza e certeza do que estavam explanando.

Em um segundo momento foi proposto pelo professor supervisor que fosse elaborada uma aula para se trabalhar o conceito de “circulação geral atmosférica”. Nesse momento tive que me apropriar de conhecimentos passados durante minha formação no curso, pois esse conceito já tinha sido estudado por mim em aulas de Geomorfologia.

Para mim foi um novo momento do projeto onde pude pela primeira vez colocar em prática e transmitir todo conhecimento que adquiri. Como Gramsci sempre defendeu e propôs, que a teoria deveria estar aliada com a prática.

A aula foi desenvolvida por mim e supervisionada pelo professor, foram usados recursos como vídeo, slides, matéria passada no quadro e um experimento científico que comprova a existência da atmosfera.

Tivemos uma participação ativa dos alunos. Não podemos esquecer do que nos fala Paulo Freire (1996, p. 43)

(...) é fundamental que na prática da formação docente, o aprendiz de educador assuma que o indispensável pensar certo não é presente dos deuses nem se acha nos guias de professores que iluminados intelectuais escrevem desde o centro do poder, mas, pelo contrário, o pensar certo que supera o ingênuo tem que ser produzido pelo próprio aprendiz em comunhão com o professor formador.

Tendo em vista esta ótica e baseado no que nos fala Gramsci, a temática abordada neste artigo que é Educação e Mercado de Trabalho, poderia ser desenvolvida em uma turma de Ensino Médio Regular, com um olhar mais prático e questionador sobre o que aprendemos e que queremos como profissionais. Pois para Gramsci a educação e o mercado de trabalho estão diretamente ligados, para que tenhamos cidadãos com uma formação que cada vez mais será especializada e qualificada, mas, também politicamente esclarecida.

Podemos então notar uma convergência de pensamento entre os princípios de Gramsci que sempre acreditou em uma interação teoria e prática com os objetivos traçados pelo PIBID, que promove essa complementação, e também proporciona a aprendizagem da docência e por que não dizer a apresentação do futuro professor à sua profissão. Desta forma, ao final de sua formação, o discente, já então docente, chega ao mundo do trabalho com uma visão ampliada e real do seu fazer profissional.

7 Considerações Finais

Muitos dos pensamentos de Gramsci, que foram baseados em Marx, ainda se mostram atuais, pois permeiam o cotidiano dos educadores, em relação à formação dos alunos, à realidade da diferença de educação de acordo com a classe social.

Todos temos direitos garantidos pela Constituição, de termos acesso à educação independente de suas especificidades, uma educação de qualidade, uma educação com uma formação continuada.

Não podemos fingir que a solução para a falta de mão de obra qualificada hoje no Brasil, teria como vilão o atual Ensino Médio e que devemos modificá-lo. Enquanto não modificarmos a forma de pensar e de agir de nossos jovens não teremos os mesmos resultados de países desenvolvidos. Como fazer isso?

A educação não se inicia no Ensino Médio e sim na Educação Infantil. Temos que ter uma base sólida nesse estágio básico do desenvolvimento educacional, incentivando sempre os alunos a se tornarem participativos e pesquisadores, para que possamos garantir em futuro bem próximo a formação de brasileiros e brasileiras como profissionais competentes e capazes de suprir as necessidades do Mercado de Trabalho.

Devemos sempre lembrar que esta formação não termina no Ensino Médio, este é apenas um degrau, pois a Educação Superior será o próximo patamar a ser almejado e alcançado. Quanto mais qualificado, quanto mais especializado, melhor será este profissional, pois ele poderá pensar o processo do trabalho de maneira integral e não de forma fragmentada sendo apenas um executor de tarefas.

Referências Bibliográficas:

CAPES, (Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior).

Pibid, (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência). Disponível em :

< <http://www.capes.gov.br/educação-básica/capespibid> >. Acesso: 30/01/2017.

COUTINHO, Carlos Nelson ; NOGUEIRA, M.A.(org). **Gramsci e a América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 23ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GRAMSCI, Antônio. **Obras Escolhidas**. São Paulo: Martins Fontes, 1978, 2ª edição.

GRAMSCI, Antônio. **Maquiavel, a Política e o Estado Moderno**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989, 7ª edição.

GRAMSCI, Antônio. **Cartas do Cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990, 4ª edição.

GRAMSCI, Antônio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 8ª edição. Rio de Janeiro-RJ: Civilização Brasileira, 1991.

GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do cárcere. Os Intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. v. 2.

SANTOS, Aparecida de Fátima Tiradentes dos. **Pedagogia do mercado: neoliberalismo, trabalho e educação no século XXI**. Rio de Janeiro: Ibis Libris, 2012.